

L I V R O S N O V O S

J. SOARES DE MELLO — “Emboabas” — São Paulo Editora Limitada — São Paulo, 1929.

taes trechos de historia que se não logram entender, por mais que nelles nos detenhemos, se encarados pela maneira tradicional como a apresentam os historiadores. Fizem-lhe em volta tamanho enredo de episodios secundarios que, afinal, mesmo os mais atilados pesquisadores, se perderam a tentar reunir tantas pontas diferentes. Não houve meios de conseguir dar-lhes os nós sem produzir o emaranhamento da meada.

Ninguém seria capaz de atinar porque os paulistas, benemeritos incontestaveis daquellas plagas, descobridores das minas, fautores, portanto, da riqueza da capitania e da metropole, lutadores incansaveis, trabalhadores imperterritos, poderiam haver desencadeado aquella colera biblica que contra elles se enfurou, tenaz, implacavel, deshumana.

O simples facto de serem os possuidores e proprietarios das lavras não justificaria a perseguição que soffreram, porque, muito mais que nas cartas regias e nas sesmarias, estava a concessão perfeitamente enquadra dentro da mentalidade do tempo. A arrogancia dos bandeirantes, tantas vezes invocada para coonestar a sanha que contra elles se levantou — e lá vem a indefectivel scena de Jeronymo Pedroso — seria talvez um factor subsidario, nunca uma causa efficiente. E, a examinar bem o caso, falam as chronicas, pela bocca dos governadores e capitães-generaes, muito mais em timidez que em jactancia e empafia paulista. E arrogancia e acanhamento não fazem boa liga.

Devia, por consequencia, haver algo de mais serio e de mais solido á raiz da celebrada contenda.

O sr. J. Soares de Mello resolve o problema, focalizando em luz crua e violenta a figura tenebrosa do verdadeiro responsavel por toda a horrenda chacina: frei Francisco de Menezes. Diga-se logo que não é o primeiro que o faz. Mas é o primeiro que o faz bem, mostrando-lhe a actuação typicamente primacial na tragedia.

Frei Francisco de Menezes, cerebro privilegiado de intelligencia e de astucia, é um retardatario do seculo: sua ferocidade e sua dolez de caracter tel-o-iam tornado celebre em qualquer das republicas da Italia Medieval. Tem todo o estofado de um Borgia: a coragem e o calculo, a ambição desmedida e a capacidade do odio. Tem o impeto de um tigre e a hypocrisia de uma hyena. Sabe querer intensamente e sabe como se deve e como se pôde querer.

E' uma figura de theatro, das poucas, das pouquissimas que o passado do Brasil regista, além das do primeiro imperador. Faltou-lhe o ambito e o circulo de resonancia em que as suas gestas pudessem repercutir e deixar o eco da posteridade. Diante delle esmaecem as elogiadissimas envergaduras de todos os outros chefes: Manuel Nunes Vianna, Bento do Amaral Coutinho, Luiz do Couto, Agostinho Monteiro, Manuel da Silva Rios, Paschoal da Silva Gulmarães...

Nunes Vianna, cabeça ostensiva do motim, é uma carranca de proa. Empolgado pela loucura da riqueza, envaldecido

com a sorte que cada vez mais o bafeja, enfunou-se com o rotulo de dictador que lhe outorgaram os inimigos dos paulistas. Não tem, contudo, mais larga visão que a do chatim e bufarinho que foi no começo de sua vida mineira e possui, no fundo, boa indole, como o revelou nos primeiros actos de sua administração “sul generis”. Mas nem vontade ferrea demonstrou: não soube vencer o frade sinistro em nenhuma emergencia em que a sua autoridade se impunha, na matança da Cachoeira do Campo, por exemplo, como não soube soffrear as tendencias sanguinarias de Bento do Amaral Coutinho, o facinora forrado de bravo, incapaz de recuar na satisfacção de um desejo bestial nem diante da mais cruel, da mais feroz, da mais inutil selvageria. Na volupia do sangue, Bento é um emulo do frade. Mas frei Menezes leva a todos a palma da astucia.

E' difficil imaginar uma noção mais perfeita dos homens e das suas paixões do que aquella possuida e demonstrada por elle: o jogo em que enroldilhou parcelos e adversarios só podia dar os resultados que deu: venceu os paulistas em toda a linha, confirmando o ditado de que o bomboçado não é para quem o faz...

O frade era um profundo psychologo. Oppoz, por vingança, aos paulistas, que lhe haviam atravessado o negocio do estanco dos açougues, e derrotou-os. Parece um prodigio, quando se considere que os paulistas eram

os esteios da ordem e da legalidade nas minas, os defensores do fisco e do erario real, tinham por elles todos os governadores que, testemunhas oculares do devotamento da gente de São Paulo, á causa do Reino, seus fieis servidores e lealissimos vassallos, não podiam deixar de punir pela causa destes que se lhes afigurava, acertadamente, a causa da justiça.

E foram os bandeirantes os que amargaram os mais graves e mais humilhantes revêses, desde a perda de Sabará até a carnagem do Capão da Traição. Como se explicaria o phenomeno? E' que o frade explorava e movia ao mesmo tempo com tres poderosas molas das paixões humanas: a cobiça dos aventureiros, que como elle, só tinham em mira enriquecer, fosse de que maneira fosse; a vaidade dos caudilhos e potentados, que tendo attingido a opulencia, ansiavam pela obtenção dos postos de commando; e mais do que isso, o secreto desejo da corôa portugueza em desapossar da propriedade das minas aquellos mesmos homens destemidos que as haviam descoberto, á custa de sua fazenda, fiados unicamente nas promessas regias.

Em qualquer momento que se examine a actuação do religioso, ella é sempre a de um mestre politico da intriga: a aclamação de Nunes Vianna a dictador, valendo-se do boato de que os paulistas pretendiam a 15 de Janeiro de 1708 repetir as “Vesperas Sicilianas”, matando todos os forasteiros residentes nas minas,

é uma obra acabada de perfidia. O gesto de sagrar o dictador depois, para pô-lo acima das dissensões e dissidios partidarios, dentro da propria facção, é outro golpe certo. Nunes Vianna ficava apenas á sua mercê, isto é, apenas sob a influencia da argumentação persuasiva e convincente e das manobras ardilosas e irrevogaveis de frei Menezes. A propria maneira hostil com que d. Fernando Mascarenhas foi recebido nas minas, coagido a voltar para o Rio de Janeiro, não pode deixar de ter sido lembrança do intrigante. O calculo é alli seguro como em todos os seus mais actos: d. Fernando estava com o periodo governamental a terminar. Partidario declarado dos paulistas, que presentia perseguidos pelo seu realismo, o seu depoimento, depois da visita, constituiria um libello difficil de invalidar. Ao passo que obrigado a regressar ao Rio, sem nada ter visto, o tempo restante de governo não lhe chegaria para cuidar seriamente da afronta. E como as suas queixas elle as faria presentes sem duvida ao rei em Lisboa — não esquegam os leitores que o novo governador nomeado, d. Antonio de Albuquerque, chegou ao Rio em Junho de 1709; isto é tres mezes depois que d. Fernando partira para Minas — era preciso levar a luta aos Paços Reaes. E frei Francisco de Menezes parte para o Reino, como emissario dos emboabas.

E em Lisboa o frade vencerá outra vez, logrando de d. João V o perdão geral para os implicados e para elle a licença de viver nas minas, o que era contra todas as ordenações e contra todas as mais energicas e mais recentes disposições.

E não só. A victoria teve mais largo e mais profundo alcance: conseguiu ainda que, pelos seculos em fora, a historia dessa tremenda guerra civil, mal e tendenciosamente contada, como o demonstra o sr. J. Soares de Mello, pelo escriptor da “Historia da America Portuguesa”, Rocha Pitta, viesse sendo copiada e transcripta com parcialidade evidente contra os paulistas, e encampada até, contra todos os documentos que o nosso A. de hoje cataloga em appendice, por espiritos como Diogo de Vasconcellos e Rocha Pombo. Tão feroz foi no seu odio, o diabo do frade que ainda nos legou a nós, contemporaneos do radio e do aeroplano, aquella desagradavel questão de limites com Minas Geraes, cujas origens entroncam manifestamente na luta dos emboabas.

Num ponto discordo do A. E. quando, ao falar de Bento do Amaral Coutinho, diz, com Rocha Pombo, que se internara pelos sertões e que ninguém mais soube delle. Viriato Corrêa, entretanto, no seu “Bahú Velho” identifica-o com o capitão Bento Curgel do Amaral Coutinho, o mesmo que lutou, á frente dos estudantes (?) contra Duclerc em 1710 e que veio a morrer, batalhando contra as forças de Duguay-Trouin, em 1711. Parece-me esta versão mais conforme com a realidade: primeiro, porque seria uma forpa de fazer esquecer a série hedionda dos crimes por elle commettidos: depois, porque o exemplo de frei Francisco de Menezes, seu companheiro das pelejas de Minas, autoritaria a acreditar até numa combinação. Por ultimo, porque Bento do Amaral Coutinho era natural da Guanabara e não negaria a sua bravura, que todos lhe reconheciam, ao serviço de sua propria terra, num momento de angustia. Elle tambem trazia nas veias aquella sangue em que pulsavam os instinctos de heroe e de bandido.

Ha uma outra figura que o livro do sr. J. Soares de Mello põe em destaque: é a de Manuel de Borba Gato, o notavel paulista governador dos caminhos da Bahia. O desassombro com que enfrentou o dictador e potentado portuguez, Manuel Nunes Vianna, exigindo delle que se retirasse das minas, pouco tempo antes que este se mettesse na-

quella aventura de coagir d. Fernando Mascarenhas a regressar ao Rio, mostra a tempore e a noção de dever e de responsabilidade que existia no genro do caçador de Esmeraldas. A resposta de Nunes Vianna prova bem até que ponto acatava o “Ministro” de sua majestade e o respeito que lhe infundia o varão paulista, apesar de andarem ambos em plena guerra. Fez bem o sr. Soares de Mello em tornar publico este documento, esquecido no pó dos archivos da Bibliotheca Nacional de Lisboa. Borba Gato, que apparece assim com papel importante desempenhado na luta, não costumava figurar com esse caracter na historia da guerra dos emboabas.

Num ponto discordo do A. E. quando, ao falar de Bento do Amaral Coutinho, diz, com Rocha Pombo, que se internara pelos sertões e que ninguém mais soube delle.

Viriato Corrêa, entretanto, no seu “Bahú Velho” identifica-o com o capitão Bento Curgel do Amaral Coutinho, o mesmo que lutou, á frente dos estudantes (?) contra Duclerc em 1710 e que veio a morrer, batalhando contra as forças de Duguay-Trouin, em 1711. Parece-me esta versão mais conforme com a realidade: primeiro, porque seria uma forpa de fazer esquecer a série hedionda dos crimes por elle commettidos: depois, porque o exemplo de frei Francisco de Menezes, seu companheiro das pelejas de Minas, autoritaria a acreditar até numa combinação. Por ultimo, porque Bento do Amaral Coutinho era natural da Guanabara e não negaria a sua bravura, que todos lhe reconheciam, ao serviço de sua propria terra, num momento de angustia. Elle tambem trazia nas veias aquella sangue em que pulsavam os instinctos de heroe e de bandido.

Sud Mennucci

Estado 28/9/1929

CMP 2.1.10.28